

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BERNARDO SANTARENO E O CINEMA

15 de Dezembro de 2020

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS / 1998

um filme de FÁTIMA RIBEIRO

Realização, Adaptação: Fátima Ribeiro a partir da peça de Bernardo Santareno (1979) *Fotografia:* Mário Castanheira *Som:* Raquel Jacinto *Montagem, Anotação:* Patrícia Saramago *Música:* Vítor Rua *Cenografia, Guarda-roupa:* Rosa Freitas *Misturas:* Branko Neskov *Assistente de encenação:* António Pires *Operador de câmara:* Tiago Beja da Costa *Interpretação:* Marco D'Almeida, Bruno Santos, Carla Chambel, Isabel de Castro, Fernando Heitor, Pedro Carmo, João Eloy, João Vaz.

Produção: David & Golias com a RTP (Portugal, 1998) *Produtores:* Luís Alvarães, Fernando Vendrell *Assistente de produção:* Vanessa Silva *Produtor delegado da RTP:* Ricardo Nogueira *Coordenador do projecto Peças Curtas:* Luís Alvarães *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, betacam digital, cor, 35 minutos *Primeira exibição na Cinemateca.*

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS é apresentado com A PROMESSA, de António de Macedo (“folha” distribuída em separado).

Sessão com apresentação

Filmar o teatro, para lá do registo de uma peça em palco, tem como caso feliz, no cinema português, a série de trabalhos do Teatro da Cornucópia que, em finais dos anos 1970, reuniu a companhia, a cooperativa Grupo Zero e a RTP na produção de versões de encenação para registo televisivo. Foi assim que nasceram *MÚSICA PARA SI*, *VIAGEM PARA A FELICIDADE* de Solveig Nordlund e o “episódico-teatral” *E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?* *CENAS DE KARL VALENTIN* assinado por Nordlund e Jorge Silva Melo a partir um espectáculo lembrado como lendário com Silva Melo e Luis Miguel Cintra no tempo da revolucionária entrada em cena da Cornucópia. O projecto subjacente ao filme desta sessão inscreve-se um pouco nessa linha, cruzando-a com a mais comum tradição de adaptação cinematográfica de um texto de teatro.

A adaptação da peça de Bernardo Santareno por Fátima Ribeiro foi realizada no contexto da série televisiva “Peças Curtas”, produzida entre 1998 e 2000 pela David & Golias para a RTP. O projecto reuniu obras de Colette (*Camaradagem*), Musset (*Não Se Pode Pensar em Tudo*), Caryl Churchill (*Três Noites sem Dormir*), Bernardo Santareno (este *Vida Breve em Três Fotografias*), Tchekov (*Aniversário no Banco*), Karl Valentin (*No Fotógrafo*), Brandon Cole (*Não Há-de Ser Nada*), chamando à realização Adriano Luz e Luís Fonseca, Fernando Vendrell, Fátima Ribeiro, Luís Alvarães, Luís Fonseca e António Pires, Vasco Pimentel. Nos créditos dos sete filmes “peças curtas”, destacam-se os da *encenação e realização*, por norma coincidentes, como sucede com Fátima Ribeiro, sublinhando os dois eixos da perspectiva original – encenações filmadas.

E assim, *Vida Breve em Três Fotografias* toma um dos últimos textos de Bernardo Santareno construindo os três momentos indicados no título como retrato fugaz da personagem rufia de Marco D'Almeida, à roda de quem a acção se organiza num admirável encontro de actores entre si e com o texto. Uma análise séria do trabalho sobre o texto, cuja descoberta a experiência do filme estimula, pressupõe o seu conhecimento, o que não sendo o caso tem de ficar declarado. Já a solidez da interpretação de Marco D'Almeida, Bruno Santos, Carla Chambel, Isabel de Castro e Fernando Heitor – que interpretam as personagens decisivas – revela por si só um apurado trabalho de actores num

claro trunfo do filme. Fátima Ribeiro fá-los circular nos cenários exteriores do Parque Eduardo VII (“fotografias” 1 e 3) e no interior da casa burguesa da personagem de Isabel de Castro (“fotografia” 2), ambos locais de tensão e, em última instância, crime, integrando na acção a materialidade do espaço da capital lisboeta. Em fundo, fundo de resto presente na banda sonora além do que colhe no subtexto dramático, a convulsão da sociedade portuguesa pós-revolução de 1974. *Morte ao fascismo, e a quem o apoiar!*, é o refrão que se ouve no clamor longínquo da manifestação de rua nos últimos minutos, em que se assiste a um imprevisto duelo mortal sem o empunhar das mesmas armas. A arma de fogo (uma pistola) é derrotada pela arma branca (uma navalha de ponta e mola), a mesma cor rasa dos fundidos que encadeiam os quadros e da mancha que sucede ao parálítico da imagem no desfecho.

Em finais dos anos 1970, já com duas das suas peças adaptadas ao cinema, por Manuel Guimarães (O CRIME DE ALDEIA VELHA, 1964) e António de Macedo (A PROMESSA, 1973), e já libertas as amarras salazaristas que Bernardo Santareno foi inscrevendo na sua escrita durante o Estado Novo, com inerentes represálias censórias, o dramaturgo publica um conjunto de peças curtas. Sob o título *Os Marginais e a Revolução* (1979), encontram-se *Vida Breve em Três Fotografias*, *Confissão*, *Monsanto* e *Restos*, de que há poucos meses os Artistas Unidos propuseram uma leitura radiofónica assinalando na sua apresentação, “Nenhuma esperança aqui. Nem alegria. Estamos no refluxo da vida, são ‘cadáveres adiados que procriam’”. É também de desesperança que trata VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS, encarando os jovens Corvo (Marco D’Almeida), Pau-Santo (Bruno Santos) e Formiga (Carla Chambel), que manifestamente não hão-de vencer com as armas que têm na mão. A palavra de ordem com a qual Corvo ironiza no diálogo com a rapariga, soletrando-a enquanto empunha a sua pistola num recanto do parque (*Venceremos com as armas que temos na mão*), escancara o desfasamento profundo das personagens.

À margem do combate político, a acção está embrenhada no caldo violento das margens em que se expõe a ferida social. As três jovens personagens reunidas na “fotografia” final são próximas no desfavorecimento, numa certa fúria selvagem, na prostituição praticada no parque lisboeta, masculina no caso dos dois rapazes, feitos “sócios” na violência da cena de abertura, replicável nas seguintes. Os dois homens atravessam o filme, afastados pelo fosso sub-reptício do discurso de dominação de Corvo, um rapaz branco, sobre Pau-Santo, um rapaz mulato, ao qual, no limite, este último reage em nova precipitação de descontrolo trágico. Na complexa teia que se aborda, o enraizamento da posição racista vertida no discurso é um dos elementos desencantados do retrato colectivo implícito no plano individual das personagens de VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS. Seria acutilante na realidade portuguesa dos anos 1970 contemporânea da peça de Bernardo Santareno, e ainda não cedeu.

Maria João Madeira